

# A ELEGIA TIBULIANA ENTRE O *CARMEN* LATINO E A POÉTICA HELENÍSTICA: INTERPRETAÇÃO DE TIB. 1.1.11-12<sup>1</sup>

Eduardo Henrik Aubert

Universidade de São Paulo

[eduardo.aubert@usp.br](mailto:eduardo.aubert@usp.br)

## RESUMO

Este artigo propõe uma interpretação dos versos TIB.1.1.11-12 que consiste em identificar, de um lado, a alusão que fazem à elocução dos antigos *carmina* latinos e, de outro, o jogo de transformações a que aquele material é submetido de acordo com procedimentos próprios à poética helenística. Trata-se de estudo de caso que incita a levar em consideração a importância dos *carmina* para a poesia augustana, bem como os sentidos de sua apropriação ativa à luz dos propósitos específicos dos programas poéticos dos poetas augustanos.

**Palavras-chave:** elegia, *carmen*, Tibulo, poesia helenística.

## ABSTRACT

This article puts forward an interpretation of TIB.1.1.11-12 that first seeks to identify their allusion to the language of the old Latin *carmina* and then investigates the transformation undergone by those materials according to the procedures of Hellenistic poetics. This case study, it is argued, sheds light on the importance of *carmina* for Augustan poetry while also suggesting that this is a matter of active appropriation to be understood from the viewpoint of the Augustan poets' poetic programmes.

**Keywords:** elegy, carmen, Tibull, Hellenistic poetry.

## INTRODUÇÃO

Como se verifica na extensa colação realizada por Georg Luck em sua edição das elegias de Tibulo, o passo 1.1.11-12 se mostra estável na tradição manuscrita, com um único manuscrito substituindo *florida* por *florea*, e outro, *desertus* por *desectus*. O texto pode, assim, ser estabelecido com segurança:

<sup>1</sup> A ideia de redigir este texto surgiu em uma conversa com João Angelo Oliva Neto, a quem sou grato pelas sugestões e pela leitura de uma versão anterior deste trabalho. Também sou grato a Alexandre Hasegawa e a Marcelo Módolo pela preciosa releitura e pelos apontamentos que fizeram. Naturalmente, todos os equívocos subsistentes são de minha inteira responsabilidade.

*Nam veneror seu stipes habet desertus in agris  
Seu vetus in trivio florida sarta lapis, ...* (LUCK, 1998, p. 1)<sup>2</sup>

Esses dois versos encerram uma série de particularidades de elocução cuja descrição, conforme buscaremos demonstrar, tem consequências relevantes para o entendimento da poesia tibuliana. É, logo, surpreendente que os comentadores modernos pouco se tenham ocupado deles.

Veja-se, exemplificativamente, o comentário setecentista de Heyne, que remete a Ovídio (*Fast.*2.641-642: *Termine, siue lapis siue es defossus in agro / stipes, ab antiquis tu quoque numen habes*),<sup>3</sup> para afirmar que Tibulo se refere aqui a uma série de divindades esculpidas em pedra ou em madeira e sitas nos cruzamentos, como Término (HEYNE, 1798, p. 4, nota), resolvendo-se o passo na constatação de que “o poeta diz que venera esses Términos ou estátuas grosseiras de deuses agrestes com a honra devida” (HEYNE, 1798, p. 4, nota). Smith, um século e meio depois, aduziu mais alguns paralelos (*Carm. Epig.* 1135.6, *MART.*8.77.4) e se ocupou de indicar a persistência de devoções nos cruzamentos na Itália moderna (SMITH, 1913, p. 188), sem, porém, se demorar nas significativas particularidades elocutivas desses versos.

Os comentários mais recentes, trazendo, com algumas variações, passagens suplementares de outros poetas à colação, detêm-se fundamentalmente na identidade do deus, ou dos deuses, e a materialidade do culto (PUTNAM, 1973, p. 52; LEE, 1974, p. 101; MURGATROYD, 1980, p. 57; MALTBY, 2002, p. 125-126; PERRELLI, 2002, p. 16-17; DELLA CORTE, 2014, p. 126), quando não enveredam por considerações bastante vagas: “os adjetivos transportam o leitor para um mundo distante, nostálgico” (PUTNAM, 1973, p. 52); nesse dístico, constatar-se-ia uma arte poética “tingida com uma melancolia gentil e nostálgica” (LEE, 1974, p. 106).

Alguns apontamentos interessantes, é verdade, embora também bastante pontuais, podem ser colhidos aqui e acolá: incoerência de *enim* em Tibulo (SMITH, 1913, p. 188), possível *figura etymologica* entre *sarta* e *desertus* (MALTBY, 2002, p. 126), preferência de Tibulo por *seu*, em lugar de *siue* (BÜRGER, 1911, p. 373), talvez por razões métricas (PERRELLI, 2002, p.

<sup>2</sup> Mantivemos aí as convenções editoriais de Luck: maiúscula para todas as palavras em início de verso, uso do “v”, etc.. Na sequência, ainda que citando sempre Tibulo a partir dessa edição, não nos serviremos de maiúsculas e substituiremos o “v” pelo “u”. Aproveitamos para indicar que as passagens latinas mais extensas vêm traduzidas em nota, com exceção dos excertos que são objeto de comentário linguístico mais alentado, pois julgamos que, em tais casos, a apresentação de uma tradução poderia resultar em excessiva simplificação dos problemas que são objeto de nossa atenção. Todas as traduções são de nossa autoria.

<sup>3</sup> “Término, quer sejas uma pedra, quer sejas um tronco firmado no campo, tens poder desde tempos remotos.” Franz Bömer aponta extensa apropriação de Tibulo por parte de Ovídio nos *Fasti*: BÖMER, 1958, p. 73-74.

58), mas certamente como parte de um tratamento minimalista da linguagem, que evita ao máximo os sinônimos (BÜRGER, 1911, p. 376), etc.. Quando pertinentes aos pontos tratados abaixo, essas anotações estão referidas na sequência, mas pode-se dizer que ainda falta, na literatura crítica, um tratamento sistemático do conjunto de particularidades elocutivas verificadas em TĪB.1.1.11-12, tarefa a que passamos a nos dedicar.

## 1. O *CARMEN* NA ELEGIA

Partimos de uma particularidade que foi intuída por dois comentadores, embora de maneira oblíqua: a regência do verbo *ueneror*. Com efeito, para Postgate, “o objeto deve ser suprido pelos nominativos que se seguem, *stipes... lapis*” (POSTGATE, 1940, p. 68). De acordo com Sciuto, “o objeto [de *ueneror*] é subentendido, *deos*, ou melhor *stipitem et lapidem* (como se depreende do que se segue imediatamente)” (SCIUTO, 1936, p. 31).

O problema reside em que *ueneror* é atestado de modo geral como verbo transitivo, com um complemento no acusativo. O OLD, por exemplo, aduz numerosos exemplos com acusativo, localizando até construções passivas do verbo, mas um único caso de uso intransitivo do particípio (*femina... pulcherrimo... matrimonio inter uenerantis gratantis aspici solita*, TAC. *Ann.*2.75),<sup>4</sup> afora o sentido especializado de “manter relação sexual”, para o qual traz um só exemplo, também no particípio (*Tiresias... dracones uenerantes dicitur baculo percussisse*, HyG. *Fab.*75.1).<sup>5</sup>

Diante desse quadro, é de fato particular o tratamento dispensado a *ueneror* no princípio do verso 11 da elegia 1, que aí figura sem complementos. No entanto, trata-se menos de um uso isolado que bastante localizado e, por isso mesmo, muito conotado.

O OLD distingue, na entrada 1b de *ueneror*, uma regência particular, em que o verbo vem habitualmente seguido de dois complementos: um acusativo, que designa o deus a quem se pede algo, e um complemento oracional em *ut* (ou *ne*), que exprime o objeto do pedido. Trata-se, segundo Ernout e Meillet, de regência arcaica de *ueneror*, ligada ao sentido, também arcaico, de “dirigir um pedido aos deuses, demandar um favor ou uma graça” (ERNOUT & MEILLET, 2001, p. 719), verbo que, para Schilling, “remonta à fase primitiva da religião” (SCHILLING, 1954, p. 47) e “traduz o apelo à divindade” (SCHILLING, 1954, p. 50). Voltaremos ao problema semântico logo adiante, mas, desde pronto, veja-se, em PL. *Rud.*1348-49, exemplo da

<sup>4</sup> “Uma mulher acostumada a ser admirada em meio aos que a cumprimentavam e veneravam por seu belíssimo matrimônio.”

<sup>5</sup> “Dizem que Tirésias bateu com o cajado em dragões que estavam copulando.”

referida construção: *illaec aduersum si quid peccasso, Venus, / ueneror te ut omnes miseri lenones sient.*<sup>6</sup> Esses complementos – isso é o que importa aqui – não são unidos ao verbo *ueneror* com nexos particularmente estreitos, de modo que podem até, sob determinadas condições, não comparecer na estrutura sintática. O que parece fazer Tibulo, no passo que temos diante dos olhos, é desenvolver, radicalizando-a pela intransitivização, uma tendência presente nos *carmina*. Vejamos com mais cuidado algumas ocorrências pertinentes.

Macróbio (*Sat.*9.7) introduz o que denomina um *carmen* tirado ao quinto livro das *Rerum reconditarum, uetustissimo libro* de Sereno Samônico († 212 d.C.); Samônico, por sua vez, indicara, como fonte para o *carmen*, certo Fúrio, muito provavelmente Lúcio Fúrio Filo (cônsul em 136 a.C.) (KASTER, 2011, p. 67, n. 75).<sup>7</sup> Trata-se de dirigir-se aos deuses protetores de Cartago, pedindo que saiam da cidade e permitam, assim, sua destruição:

*si deus, si dea est, cui populus ciuitasque Carthaginiensis est in tutela, teque maxime, ille qui urbis huius populi que tutelam recepisti, precor uenerorque ueniamque uobis peto ut uos populum ciuitatemque Carthaginiensem deseratis, loca templa sacra urbemque eorum relinquatis, absque his aberatis.*<sup>8</sup>

Note-se que o verbo *ueneror* está inserido em um complexo sintagma trimembre (*precor uenerorque ueniam uobis peto*), ademais formular,<sup>9</sup> a que se ligam os dois complementos acima indicados: o acusativo anteposto *teque*, separado pelo segmento *ille qui urbis...*, e a oração em *ut*, começando com *ut uos populum...*

O termo *carmen* designa uma modalidade elocutiva de primeira importância em diversos contextos de enunciações solenes e performativas da Roma arcaica, espécie de prosa “em que se encarna a força mágica e poiética do *uerbum*” (TRAINA, 2011, p. 40), formalmente caracterizada por ser “dotada de uma textura rítmica assinalada muito intensamente e muito perceptível..., uma prosa assinalada, em suma, por fortes elementos de

<sup>6</sup> “Se contra essas coisas eu cometer alguma falta, Vênus, eu te imploro que todos os proxenetas sejam desgraçados.”

<sup>7</sup> Para uma opinião contrária sobre a autenticidade do *carmen*, cf. RAWSON, 1973, p. 169 e 173.

<sup>8</sup> “Seja um deus, seja uma deusa, sob cuja proteção estão o povo e a comunidade dos cartagineses, a ti sobretudo, que tomaste a proteção dessa cidade e desse povo, imploro, suplico e peço a graça de que abandoneis o povo e a comunidade dos cartagineses, as moradas, os templos, os santuários e a cidade deles, e que vades para longe deles.”

<sup>9</sup> Cf. a prece em Liv.8.9.6-7: *...Dique Manes, uos precor ueneror, ueniam peto oroque uti populo Romano Quiritium uim uictoriam prosperetis, hostesque populi Romani Quiritium terrore formidine morteque adficiatis...* (“deuses Manes, eu vos suplico, imploro, peço vossa graça e rogo para que favoreçais a força e a vitória do povo romano dos Quirites, e que acometais os inimigos do povo romano com medo, pavor e morte”).

paralelismo verbal” (CONTE, 2019, p. 17). A centralidade da elocução do *carmen* na elegia tibuliana foi muito pontualmente percebida, a exemplo de artigo de Hellegouarc’h sobre a prece em Tibulo – sem atentar, no entanto, para TIB.1.1.11-12 – (HELLEGOUARC’H, 1989), mas, de modo geral, parece que os estudiosos ainda não atinaram para sua importância.

O exemplar de *carmen* transmitido por Macróbio permite constatar diversas marcas linguísticas próprias dos *carmina* arcaicos, tais como os sintagmas bimembres ou trimembres sinonímicos (*populus ciuitasque; populum ciuitatemque; deseratis... relinquatis, absque his aberatis*), bem como outros paralelismos sintáticos (*si deus, si dea est*) e fônicos, tais quais aliteraões constitutivas<sup>10</sup> (em /k/: *cui, ciuitasque Carthaginiensis*; em /t/: *tutela, teque*; em /w/: *uenerorque ueniamque uobis.. uos*) e homeoteleutos (*deseratis..., relinquatis..., aberatis*), além de exemplificar a lei dos três membros crescentes (*precor uenerorque ueniamque uobis peto*) (LINDHOLM, 1931, p. 57-59), entre outras características formais. Voltaremos à discussão desses paralelismos mais adiante.

Retomando o problema específico da complementação do verbo *ueneror*, fica caracterizado, assim, seu contexto enunciativo, com uma estrutura de predicação que chega até Tácito, em que uma invocação, no final de um discurso a uma assembleia, recebe a seguinte formulação:

*te, Iuppiter optime maxime, quem per octingentos uiginti annos tot triumphis coluimus, te, Quirine Romanae parens urbis, precor uenerorque ut, si uobis non fuit cordi me duce haec castra incorrupta et intemerata seruari, at certe pollui foedarique a Tutore et Classico ne sinatis, militibus Romanis aut innocentiam detis aut maturam et sine noxa paenitentiam.* (TAC.Hist.4.58.13, destacamos)<sup>11</sup>

Aqui também *ueneror* figura em um sintagma com dois núcleos verbais, o que talvez ajude a explicar a completude da predicação. Essa estrutura predicativa, entretanto, vem suavizada em uma emulação cômica desse tipo de *carmen* no *Rudens* de Plauto (*Rud.256-58*),<sup>12</sup> em que *ueneror* não vem coordenado com outro verbo:

<sup>10</sup> Para a distinção entre aliteração constitutiva e ornamental, cf. PASQUALI, 1936, p. 78-79.

<sup>11</sup> “A ti, Júpiter Ótimo Máximo, que nós, por oitocentos anos honramos com tantos triunfos, a ti, Quirino pai da cidade [de Roma], peço e imploro que, se não for de teu agrado que, sob meu comando, este acampamento se guarde íntegro e imaculado, que ao menos não permitais que ele seja profanado e corrompido por Tutor e Clássico; dai aos soldados romanos ou a inocência ou uma penitência imediata e sem injúria.”

<sup>12</sup> As emulações da língua religiosa em Plauto são bem conhecidas: FRAENKEL, 2007, p. 242; ADAMS, 2005, p. 73-74.

*hau longe abesse oportet homines hinc, ita hic lepidust locus.  
quisquis est deus, ueneror ut nos ex hac aerumna eximat,  
miseras, inopes, aerummosas ut aliquo auxilio adiuuet.*<sup>13</sup>

Transposta para o contexto cômico, é a mesma elocução de prece aos deuses que se constata (*si deus, si dea est - quisquis est deus*), com marcas de paralelismo sintático e fônico (*miseras inopes aerummosas; aliquo auxilio adiuuet*). Aqui, contudo, o complemento acusativo está sintaticamente ausente, ainda que possa ser de pronto suprido semanticamente por *quisquis est deus*, correlato ao *si deus, si dea est* do *carmen* das *Saturnálias*, mas sem retomada comparável ao *teque*, restando apenas o complemento oracional em *ut*.

No *Trinummus* (*Trin.39-41*), em outra emulação plautina de *carmen* religioso, o complemento acusativo também está inteiramente ausente; o termo que antecede o verbo, que novamente não se coordena com outros verbos, não pode ser tomado por um vocativo indeterminado ou por um *nominatiuus pendens*, mas é um vocativo que remete ao agente da imprecação demandada pelo esposo, e a referência ao deus, que será venerado, só pode ser recuperada mais acima, em outra frase (*larem*):

*larem corona nostrum decorari uolo.  
uxor, uenerare ut nobis haec habitatio  
bona, fausta, felix fortunataque eueniat...*<sup>14</sup>

Aqui também o contexto é de culto – ademais com menção a uma guirlanda –, com imitação dos sintagmas de dois e mais membros aliterativos típicos dos *carmina* (*nobis haec habitatio; bona fausta felix fortunata*). Para a predicação de *ueneror* em Plauto, ver ainda, *Aul.8, Bacch.173, Poen.278 e 950-951, Rud.305*, em que, como no já citado *PL.Rud.1348-49*, o verbo *ueneror* não está coordenado a outros verbos, mas tem os dois complementos. Existe, assim, uma estrutura de complementação normal, ou de base, que comparece sempre nos exemplos de que dispomos em que *ueneror* está coordenado com outros núcleos verbais. É a mesma complementação habitual de *ueneror* sozinho nas emulações plautinas, mas aqui, em certos contextos, o complemento acusativo não vem explicitado.

Outro ponto do maior interesse é que, na imensa maioria dessas ocorrências, como naquelas que vimos pormenorizando, o verbo está flexionado na primeira pessoa do singular do presente *infectum* (*ueneror*), o que, fora dos

<sup>13</sup> “Deve haver homens não muito longe daqui, tão agradável é este lugar. Quem quer que seja o deus, eu a ele imploro que nos liberte destas fadigas, e que com algum auxílio nos ajude, desgraçadas, pobres, fatigadas.”

<sup>14</sup> “Eu quero adornar nosso deus Lar com uma guirlanda. Esposa, implore para que esta casa se torne, para nós, boa, fausta, feliz e afortunada...”

*carmina* ou de suas emulações, ocorre em pouquíssimos passos, nenhum dos quais anterior ao período augustano.<sup>15</sup> Esse dado, pensamos, é extremamente relevante, porque, se a palavra, independentemente de suas marcas flexionais, pode remeter a outros textos, a palavra plenamente flexionada contém mais uma camada potencialmente significativa, apta a estreitar as relações entre textos, especialmente em casos de flexões que aparentam ser bastante conotadas pelo gênero textual, como aquela de que aqui nos ocupamos. Assim, quando Tibulo inicia o tema do culto aos deuses agrestes com *ueneror*, em Tib.1.1.11, está dando a ler e a ouvir uma muito específica (in)flexão verbal, cujo contexto elocutivo é muito fortemente conotado.

A força relativa do nexu sintático entre *ueneror* e o complemento oracional em *ut (ne)* requer um exame mais sutil, para que não se confunda com a regência, já acima apontada, formada unicamente por complemento acusativo, que não é a que figura nos *carmina*. Fragmento da tragédia *praetexta* de Ácio, a *Decius uel Aeneadae*, preserva a seguinte estrutura predicativa, na *precatio* de Décio:

*te sancte, uenerans precibus, inuicte, inuoco,  
portenta ut populo, patriae uerruncent bene!* (Acc.687-688)<sup>16</sup>

Nessa imitação aliterativa (*inuicte inuoco; portenta... populo patriae*) de *carmen*,<sup>17</sup> com referência a, ao menos, mais um verbo muito ocorrente no gênero (*uerruncent*)<sup>18</sup> e sintagma nominal (também aliterativo) assindético (*populo patriae*), reencontramos o verbo *ueneror* na forma do particípio *uenerans*. Ele vem aqui unido a um complemento não essencial no ablativo (*precibus*) e separado dos demais componentes da frase por vocativos que o enquadram (*sancte... inuicte*). Por obra dessa disposição, a predicação que se lhe poderia aplicar segundo o modelo sintático esperado (*te... ut... uerruncent*), vai mais evidentemente atrelada ao verbo finito *inuoco*. O verbo *ueneror* resulta, portanto, ao menos afastado, ao menos, de sua predicação, se é que dela não está privado de todo.<sup>19</sup> Nessa desequiparação sintática do que poderia ter formado um núcleo verbal composto, *ueneror atque inuoco*, *ueneror* caminha na direção de se desprender dos complementos que seriam esperados nesse contexto de elocução de *carmen*.

<sup>15</sup> Entre os augustanos: HOR.*Serm.*2.6.8; OV.*Met.*14.170; OV.*Tr.*4.1.49.

<sup>16</sup> “A ti, [deus] santo, venerando-te com minhas orações, invoco, invencível, para que esses presságios favoreçam ao meu povo, à minha pátria.”

<sup>17</sup> Sobre a relação entre *carmen* e tragédia, cf.: LENNARTS, 2003 e FALCONE, 2013.

<sup>18</sup> LIV.29.27.1-4: *Diui diuaeque... uos precor quaeoque uti... bene uerruncent* (“Deuses e deusas... eu vos peço e suplico que... façais prosperar”); CATO.Agr.141.2: *prohibebis defendas auerruncent* (“impeças, afastes, desvie”).

<sup>19</sup> Outros exemplos, um pouco mais tardios, em SZANTYR, 1971, p. 27.

O que está a se passar aqui vai bem explicado se entendemos como sentido essencial e originário de *ueneror* “honrar os deuses com respeito e reverência, para que sejam levados a prover aquilo que se pede” (APPEL, 1909, p. 67). A *uenus* é, mais precisamente, segundo Szantyr, a graça ou a disposição favorável dos deuses (SZANTYR, 1971, p. 31), de modo que *ueneror* seria originariamente “louvar o deus como tendo parte na *uenus*, como gracioso” (SZANTYR, 1971, p. 33 e 43), a partir do que o deus *uenustus* concede *uenia*, isto é, as graças cabíveis. Daí os sentidos de “pedir” e “louvar”, que “se desenvolveram, independentemente um do outro, a partir desse sentido” originário (SZANTYR, 1971, p. 71). Nocionalmente, assim, tanto o deus *ueneratus* como a *uenia* desejada estão associados semanticamente ao verbo *ueneror*, mas a predicação, como pode prescindir da explicitação do deus, desde que recuperável no contexto, talvez também possa, sob determinadas condições semânticas, prescindir também da explicitação do pedido; sistematicamente, o pedido propriamente dito vai-se associando mais imediatamente com *precor* (SZANTYR, 1971, p. 45), e é sem dúvida assim que a complementação oracional em *ut* vai-se rarefazendo para o *ueneror* não coordenado com outros verbos ao longo da história da língua latina.

Há, assim, todo um contexto elocutivo em que se situam os versos tibulianos, partindo de uma estrutura recorrente nos *carmina* que, de acordo com os testemunhos indiretos de suas emulações poéticas arcaicas, permitiam a rarefação do liame entre *ueneror* e seus complementos. Os versos tibulianos remetem, assim, em contexto que trata de devoção aos deuses, ao mais antigo fundo de linguagem ritual latina, os antigos *carmina* performativos; recuperam a linguagem do ritual ao falar sobre o ritual.

É desse fundo também que se recupera o contexto de estruturação para as duas orações correlatas – cuja articulação com a oração de núcleo *ueneror* será discutida mais adiante –, como fica evidente já no caso do *carmen* reportado por Macróbio que se transcreveu acima e, como se verá de pronto, tal como ocorre também alhures: em Macróbio, *si... si*, e em Tibulo, *seu... seu*. Já tocamos, aqui, no problema do paralelismo, que indicamos acima como elemento fundamental na elocução dos *carmina* e que convém explorar mais detalhadamente nos versos tibulianos.

A escansão dos versos permite destacar um elemento relevante da construção para a discussão presente. Veja-se:

*nām uēnē / rōr ' sēu / stīpēs hā / bēt ' dē / sērtūs īn / āgris*  
*sēu uētūs / īn trīvī / ō ' // flōrīdā / sērtā lā / pis.*

Como se percebe, a segunda oração iniciada por *seu* ocupa o conjunto do pentâmetro, enquanto a primeira ocupa o hexâmetro após a primeira cesura, no caso trimímera. Ora, esse esquema construtivo é recorrente em Tibulo. Há

dois paralelos nas elegias. Assim, em TIB.1.2.17-18, a primeira oração em *seu* se inicia após a cesura trimímera:

*illa fauet, 'seu quis iuuenis noua limina temptat,  
seu reserat fixo dente puella fores:*<sup>20</sup>

Já em TIB.1.10.21-22, a primeira oração iniciada por *seu* começa após a cesura pentimímera:

*hic placatus erat, 'seu quis libauerat uuam  
seu dederat sanctae spicea sarta comae:*<sup>21</sup>

Se, no segundo caso, a associação semântica com o passo de que nos ocupamos é evidente, por tratar-se também de oferendas a um deus rústico (*ligneus... deus*, TIB.1.10.20) – ademais com a palavra *sarta*, no verso 22, valorizada por múltiplas aliterações em /s/ exatamente na mesma posição métrica que em TIB.1.1.12<sup>22</sup> – no primeiro, o pronome *illa* remete a *Venus* (*fortes adiuuat ipsa Venus*, TIB.1.2.16), que auxilia o amante em suas empresas amorosas.<sup>23</sup> Registre-se, assim, o artifício construtivo de se valer do começo do hexâmetro, até a primeira cesura, marcada por um verbo finito, para isolar um elemento de sentido, dispondo, no resto do hexâmetro e no pentâmetro, as duas orações encabeçadas por *seu*.

Kühner e Stegmann notam que há poucos casos de correlação *siue* (*seu*)... *siue* (*seu*) em época pré-clássica, quando a forma habitual era *si...* *siue* (*seu*), indicando ainda que é, então, “indiferente sob qual das duas hipóteses apresentadas ocorre o que está expresso na oração principal” (KÜHNER & STEGMANN, 1955, p. 434); em época clássica, ao revés, o uso de *siue* (*seu*)... *siue* (*seu*) se torna frequente, mas “claramente em sentido exclusivo”

<sup>20</sup> “É ela que apoia seja um jovem que arrisca novos umbrais seja uma moça que abre a porta fechada a chave”.

<sup>21</sup> “Ele era acalmado, seja que alguém lhe oferecia um cacho de uvas, seja que alguém dava uma guirlanda de espigas à sua santa cabeleira.”

<sup>22</sup> A inter-relação entre a primeira e a última elegias do livro faz parte de um conjunto mais amplo de correspondências. Cf., *inter alia*, ressoando o *incipit* do livro: TIB.1.1.1 (*diuitias... auro*)/TIB.1.10.7 (*diuitis... auri*).

<sup>23</sup> A menção a *Vênus* remete ao que talvez seja um componente semântico não desprezível em *ueneror*, uma vez que, como lembram Ernout e Meillet, trata-se de verbo denominativo, tirado de *Venus*, na forma de um acusativo interno (*Venerem uenerari*), como em PL.*Poen.*278 (*Venerem uenerabor me ut amet postbac*, “eu implorarei a *Vênus* para que me ame de agora em diante”). Cf. ERNOUET & MEILLET, 2001, p. 719. Sem dúvida, uma alusão a *Vênus*, que comparece ao fim da primeira elegia (TIB.1.1.73) e ao longo de toda a recolha tibuliana, promoveria um refinado cruzamento direto entre *carmen* e elegia aqui. No entanto, à mímica de outras referências amorosas nos primeiros versos da elegia de abertura (o tema só surge a partir do verso 46), a hipótese terá de ficar em suspenso.

(KÜHNER & STEGMANN, 1955, p. 435), isto é, com a necessária exclusão de uma alternativa pela outra. Entre os poucos exemplos de *siue... siue* em época pré-clássica, para além de algumas ocorrências em Plauto (*Men.*295, *seu... seu; Merc.*1018, *seu... siue*), Kühner e Stegmann indicam justamente dois casos de *carmina* transmitidos no *De agricultura*, de Catão. Trata-se dos exemplos seguintes:

*si deus, si dea es, quouim illud sacrum est, uti tibi ius est porco piaculo facere illiusce sacri coercendi ergo harumque rerum ergo, siue ego siue quis iussu meo fecerit, uti id recte factum siet, eius rei ergo hoc porco piaculo immolando bonas preces precor, uti sies uolens propitius mihi domo familiaeque meae liberisque meis: haru<m>ce rerum ergo macte hoc porco piaculo immolando esto. (CATO.Agr.139)<sup>24</sup>*

*cum diuis uolentibus quodque bene eueniat, mando tibi, Mani, uti illace suouitaurilia fundum agrum terramque meam, quota ex parte siue circumagi siue circumferenda censeas, uti cures lustrare. (CATO.Agr.141.1)<sup>25</sup>*

Notar-se-á, à parte o início do primeiro *carmen*, muito próximo ao *si deus, si dea est*, de Macróbio – fórmula atestada em diversas inscrições (WEST, 2007, p. 103, n. 95) –, a recorrência daqueles elementos formais característicos dos *carmina* arcaicos: sintagmas de membros sinonímicos, obedecendo à lei dos membros crescentes (*uolens propitius*;<sup>26</sup> *domo familiaeque; fundum, agrum terramque meam*), aliterações constitutivas (*porco piaculo; circumferenda censeas*), inclusive com um acusativo interno (*preces precor*), homeoteleutos (*fundum, agrum terramque meam*), etc.. O paralelismo *siue (seu)... siue (seu)* faz parte, assim, como enquadramento modular que já se apresenta pronto ao poeta, desse conjunto de procedimentos fônicos, morfológicos e sintáticos que produzem paralelismos de diferentes tipos e em diferentes graus nos *carmina* arcaicos.

Ora, é exatamente o que se verifica em Тив.1.1.11-12, em que o paralelismo sintático *seu... seu* não vem apenas retomado pontualmente a seu contexto ritual, mas antes se articula a mais duas formas de paralelismo

<sup>24</sup> “Quer seja um deus, quer seja uma deusa, a quem este [bosque] é consagrado, como se deve dar a ti um porco como vítima expiatória, pelo corte deste [bosque] consagrado, por este motivo, para que seja feito corretamente, seja por mim, seja por alguém a meu mando que o fizer, eu te impreco com boas preces sacrificando este porco como vítima expiatória, para que sejas favorável e benfazejo a mim, a minha casa, aos meus dependentes e aos meus filhos: por estas razões, sejas honrado com esse porco como vítima expiatória que há de ser sacrificado.”

<sup>25</sup> “De acordo com a vontade dos deuses e de modo que chegue a bom termo, eu te envio, Mânio, para que permitas que minha propriedade, meu terreno e meu campo sejam circundados ou circunscritos com estes *suouitaurilia*, em qualquer parte, para que cuides de [o] purificar.”

<sup>26</sup> Este inteiramente formular: de MEO, 2005, p. 152.

fônico: de um lado, os homeoteleutos<sup>27</sup> *agris... lapis*, a uma, potencializado pela presença da mesma vogal na penúltima sílaba, enfatizando assim o paralelismo do conjunto, já que as duas orações iniciadas por *seu* terminam em rima, e *desertus... uetus*, a duas, adjetivos que ocupam posições equivalentes em seus sintagmas (cf., *infra*, na segunda seção deste texto); de outro lado, um tecido sutilmente aliterativo (*seu stipes; ueneror... uetus in triuio*).<sup>28</sup> Esse conjunto de elementos paralelísticos, em associação com a morfossintaxe do verbo *ueneror*, não deixa dúvidas de que, nesses versos, Tibulo faz uma forte remissão à elocução dos *carmina* arcaicos: *ueneror... seu... seu ≈ si deus, si dea* (ou *siue... siue*)... *ueneror*.

Exploraremos as razões dessa alusão aos *carmina* mais adiante, nas considerações finais. Por ora, interessa aprofundar um pouco o problema semântico do paralelismo entre as duas orações iniciadas por *seu*. Com isso, aproximar-nos-emos de compreender por quê, desenvolvendo tendências ínsitas ao *carmen*, Tibulo intransitiviza o verbo *ueneror*. Conforme vimos, em época clássica, *siue (seu)... siue (seu)* introduzem uma disjunção forte: ou isto ou aquilo, exclusivamente. Esse não pode, contudo, ser o sentido do passo em questão, pois não há exclusão mútua entre o tronco (*stipes*) e a pedra (*lapis*) como objetos em que se pode depositar uma guirlanda como parte de um culto. Tampouco parece haver motivação para entender a díade *stipes* e *lapis* como excludente de outras hipóteses de objetos passíveis de receber uma guirlanda. O próprio Tibulo põe *serta* em uma pilastra (*postis*, 1.2.14), em uma lareira (*focus*, 1.2.84), em cabelos (*coma*, 1.3.65; *comae*, 1.10.22; *comas*, 2.2.6), na cabeça e no pescoço (*et capite et collo*, 1.7.52), em túmulos (*tumulo*, 2.4.48; *sepulcro*, 2.6.31-32). Não são assim objetos de localização exclusiva; ao contrário, parecem passíveis de múltiplas localizações.

Destarte, antes que ou *stipes* ou *lapis*, como poderia fazer crer a sintaxe clássica de *siue (seu)... siue (seu)*, *stipes* bem como *lapis* se inserem em uma série potencialmente aberta de elementos com que se podem associar as

<sup>27</sup> Não seguimos a distinção proposta por Hofmann e Szantyr, de que o homeoteleuto seria involuntário, e a rima, voluntária (HOFMANN & SZANTYR, 2002, p. 35-36), pela simples impossibilidade de uma verificação criteriosa a respeito da vontade. Assim, preferimos a definição, mais abrangente, de Lausberg: “o *homeoteleuton* consiste na igualdade dos sons finais de membros consecutivos” (LAUSBERG, 1967, p. 170). Na tradição latina, basta a semelhança, sendo desnecessária a igualdade, dos sons finais. Cf., por exemplo, Her.4.20.28, em que figura o exemplo *audaciter territas, humiliter placas* (“amedrontas com audácia, acalmas com suavidade”).

<sup>28</sup> Sobre a inclusão de *triuio* nesta série, relevante a observação de André Cordier: “a aliteração pode ser formada pela inicial da palavra simples e, no caso da composta, pela inicial do radical (*figura et conformatio*), desde que o composto seja sentido como tal” (CORDIER, 1939, p. 27). Conforme tipologia proposta por Alfonso Traina, trata-se de aliteração interna, ou coberta (TRAINA, 1999, p. 76).

*serta*: logo, sintaxe pré-clássica, ou arcaica, de *siue (seu)... siue (seu)*.<sup>29</sup> Não é por outra razão que a sequência do poema menciona em primeiro lugar a oferenda abstrata de um fruto a um deus não nomeado, logo também abstrato (TIB.1.1.13-14), e segue com uma lista aberta, que necessariamente assume caráter exemplificativo: a coroa de espigas pendurada às portas do templo de Ceres (TIB.1.1.15-16), os dons recebidos pelos lares protetores (TIB.1.1.19-20). Assim, o enunciador da elegia exemplifica, nos versos subsequentes (TIB.1.1.13-24), todo um contexto de oferendas múltiplas a múltiplos deuses, como desdobramento, especificação e exemplificação do que está dado nuclearmente em TIB.1.1.11-12 e que funciona, destarte, como introdução do tema.<sup>30</sup>

A combinação entre uma expressão abstrata (*diui quorum est potestas nostrorum hostiumque*) e uma lista de deuses que, pela presença mesma da abstração, é aberta, pode ser encontrada no início de *carmen* legado por Tito Lívio, a famosa *deuotio* de Décio, de que já encontramos eco na *praetexta* de Ácio:<sup>31</sup>

*Iane Iuppiter Mars pater Quirine Bellona Lares Diui Nouensiles Di Indigetes Diui quorum est potestas nostrorum hostiumque Dique Manes, uos precor ueneror ueniam peto oroque uti populo Romano Quiritium uim uictoriam prosperetis, hostesque populi Romani Quiritium terrore formidine morteque adficiatis.* (LIV.8.9.6-8)<sup>32</sup>

Com *stipes* e *lapis* e à luz do jogo entre abstração e concretização exemplificativa, ao longo do desenvolvimento subsequente, estamos, aqui, diante de antiga figura de poética indo-europeia, os chamados merismos,

<sup>29</sup> Um paralelo interessante em outro poeta augustano, que também emula a linguagem ritual dos *carmina*, encontra-se em Horácio, Od.3.21.1-6, conforme reconhecem Nisbet e Rudd. De acordo com os autores, “o uso de *seu... siue* para marcar atributos ou funções alternativas é uma característica do estilo ritual” (NISBETT & RUDD, 2004, p. 248).

<sup>30</sup> Como bem notou Benedetto Riposati, sobre o conjunto dessa passagem, “a ideia e o fervor religioso se anunciam primeiro de forma geral, e depois aos poucos vão se determinando em quadros e representações particulares” (RIPOSATI, 1945, p. 127). Cf., já antes, HAASE, 1855, p. 11.

<sup>31</sup> Segundo Pasquali, tratar-se-ia de imitação: “sua construção [dos *carmina*], já dissemos sua ‘ossatura’, é tão evidente e característica, que se consegue, no confronto, descobrir imitações de outras fórmulas semelhantes, não transmitidas diretamente: por exemplo, em Lívio, onde ele narra, a respeito do cônsul de 340, L. Décio Múrio, que (8.9.6ss), na guerra contra os latinos, na batalha às encostas do Vesúvio, consagrou a si mesmos aos deuses íferos para obter a vitória” (PASQUALI, 1936, p. 76). Posiciona-se contra, no entanto, no sentido da autenticidade: LUISELLI, 1969, p. 145.

<sup>32</sup> “Jano, Júpiter, Pai Marte, Quirino, Bellona, Lares, deuses novos, deuses tutelares, deuses que têm poder sobre nós e nossos inimigos, deuses Manes, eu vos suplico, imploro, peço vossa graça e rogo para que favoreçais a força e a vitória do povo romano dos Quirites, e que acometais os inimigos do povo romano com medo, pavor e morte.”

que vão definidos por Calvert Watkins como “um sintagma nominal bipartido, consistindo de dois substantivos em relação copulativa (A e B), dois substantivos que compartilham a maior parte de suas características semânticas e, conjuntamente, servem a designar globalmente um mais amplo conceito C, isto é, a indiciar o conjunto de um *taxon* mais elevado, C” (WATKINS, 1995, p. 45-46). É o caso, no inglês, de *barley (and) spelt*, para designar o conjunto de todos os cereais. Trata-se, isto é, de uma espécie de sinédoque em que a totalidade é designada por uma parte qualificada, vale dizer, por duas partes. West nota que a construção é “especialmente adequada na linguagem jurídica ou em outras linguagens prescritivas com a intenção de excluir toda transgressão de vista” (WEST, 2007, p. 102).<sup>33</sup> Nesse sentido, os sintagmas bimembres dos *carmina* arcaicos são posições extremamente propícias para a inclusão de merismos. Na famosa *precatio* a Marte em Catão, *Agr.*141.2-3, por exemplo, figuram os seguintes merismos: *morbos uisos inuisosque, fruges frumenta, uineta uirgulta, pastores pecuaque*.<sup>34</sup> No caso em tela, *stipes* e *lapis* estão à distância – problema a que retornaremos na parte subsequente do texto –, configurando um “merismo subjacente” (WATKINS, 1995, p. 209), mais que um sintagma nominal em forma de merismo.

O fato de as orações em *seu* constituírem merismo em TIB.1.1.11-12 ajuda, por sua vez, a explicar a intransitividade de *ueneror* nesse passo, na senda dos exemplos de *carmina* em que, como vimos, fora eliminado o complemento acusativo e (ao menos) relativizado o complemento oracional em *ut*. Com efeito, se *stipes* e *lapis* são duas partes que estão no poema pelo todo dos lugares em que se podem depositar *serta florida*, não há objeto determinado de *ueneror* simplesmente porque não pode haver determinação. À totalização semântica corresponde, destarte, a intransitivização sintática, reforçando a ideia de uma veneração não limitada a um deus ou deusa, mas, como nos *carmina*, abarcando potencialmente a todos (*quisquis est deus*). Assim, diretrizes semânticas específicas ajudam a entender a ausência do complemento acusativo.

Ora, parece que também é um particular contexto semântico, qual seja, a indeterminação do pedido, que ajuda a entender a ausência de complemento oracional; afinal, se *ueneror* remete ao contexto elocutivo dos *carmina*, não é apenas a ausência de complemento acusativo que deve ser problematizada, mas também a do complemento oracional que neles em geral figura. Nesse sentido, poder-se-ia aventar que, no passo em comento, trata-se de obter, com *ueneror*, uma propiciação generalizada (algo como *ut omnia bene uerruncent*),

<sup>33</sup> Para West, exhibe essa mesma figura o já visto *si deus si dea* em CATO.*Agr.*139 (WEST, 2007, p. 103).

<sup>34</sup> Em ordem: “doenças visíveis e invisíveis; frutas e cereais; vinhas e arbustos; pastores e gado”.

compatível com o problema geral da “escolha de vida” posto na elegia TIB.1.1 (STEIDLE, 1962) e, mais genericamente, com a tendência de Tibulo, em comparação com seus contemporâneos, a “atenuar decisivamente... a função da situação determinada” (LA PENNA, 1995, p. 80). Sem dúvida, no entanto, opera aqui também uma forte tendência à braquilogia e notadamente à “parataxe solta, sugestiva... característica da elegia” (LOWE, 1988, p. 201).

Com essas observações, que tecem um contexto de inteligibilidade para a radicalização de potencialidades sintáticas ínsitas ao *ueneror* dos *carmina*, começamos a tocar no distanciamento que, concomitantemente com uma elocução muito marcada pelos *carmina* arcaicos (*ueneror* na primeira pessoa do singular do presente *infectum*, com predicação dispensável, *seu... seu* não exclusivo, merismo subjacente *stipes... lapis*, tecido sutilmente aliterativo e homeotelêutico), Tibulo opera com relação a esse referente nos mesmos versos de que vimos nos ocupando, em contexto significativo quanto à matéria devocional. É chegado o momento de descrever com mais detença a poética que Tibulo aplica a esse material antigo que ele reverencia na elegia programática de sua recolha.

## 2. POÉTICA HELENÍSTICA EM TIBULO

Se o material manipulado por Tibulo em 1.1.11-12 tem no *carmen* um referente seguro, é preciso atentar para a forma com que os elementos arcaicos foram agenciados pelo poeta – antes de acenar, em conclusão, para possíveis razões para tal manipulação. Nesta seção, vamos nos ocupar, assim, de dois problemas de estruturação sintática. Primeiramente, investigaremos mais amiúde os valores dos três conectores que aí figuram: *nam*, de que ainda não nos ocupamos, e os dois *siue*, de que já tratamos preliminarmente, mas apenas quanto à sua formularidade, à estrutura correlativa e ao valor (não exclusivo) das alternativas correlatas. Em seguida, vamos nos ocupar da disposição dos sintagmas nas orações introduzidas por *siue*. Contrariamente à impressão habitual de que “sua sintaxe é regular” (CAIRNS, 1979, p. 87), isto é, pouco inventiva ou elaborada, ficará patente que muitos dos usos que Tibulo faz da sintaxe são irregulares, vale dizer, criativos e inusitados, e “direcionados à elegante *uariatio* helenística, de que Tibulo é um mestre” (CAIRNS, 1979, p. 100).<sup>35</sup> No sistema desses versos, por assim dizer, se os elementos são em grande medida arcaicos, a estrutura é fundamentalmente coeva, vale dizer,

<sup>35</sup> Para uma perspectiva crítica sobre o calimaquianismo de Tibulo, cf. LA PENNA, 1995, p. 53 e 59.

helenística, derivando, “em última instância, da λεπτότης de Calímaco e de seus seguidores” (MALTBY, 1999, p. 378).<sup>36</sup>

Principiamos por constatar que o estatuto da partícula *nam* no verso 11 é problemático – ao menos à luz de certas expectativas: é-o a tal ponto, que, por longo tempo, os editores buscaram rearranjar os versos da elegia, para satisfazer a seu senso de correção da expressão, ainda que sem apoio na tradição manuscrita.<sup>37</sup> Escrevendo em 1855, Haase – que propõe outras inversões de versos, mas não essa – apontava que, para Scaliger (edição de 1577)<sup>38</sup> e para Heyne (edição de 1755),<sup>39</sup> era preciso antepor alguns versos aos atuais 11 e 12, mas julga que, assim, “a força apropriadíssima que tem a partícula *nam* se perde” (HAASE, 1855, p. 12). Isso porque acredita que o *nam* desenvolve a *spes* do verso 9, opinião seguida por Richard Richter, em *disputatio* de 1873.<sup>40</sup>

A reordenação dos versos é, no entanto, descartada nas edições recentes,<sup>41</sup> tendo visivelmente retrocedido desde a prestigiada edição de Lachmann, de 1829 (LACHMANN, 1829, p. 1). Busca-se, assim, entender o sentido do *nam* tal qual está posto no texto transmitido.<sup>42</sup> Mas que sentido exatamente é

<sup>36</sup> A percepção do nexos estreito entre Tibulo e o calimaquianismo é referendada já em apreciação antiga: *elegia quod genus carminis praecipue scripserunt apud Romanos Propertius et Tibullus et Gallus, imitati Graecos Callimachum et Euphoriona* (“a elegia, gênero poético que escreveram entre os romanos precipuamente Propércio, Tibulo e Galo, imitando os gregos Calímaco e Euforíão”, Diomedes, GLK, 1, p. 484, 17). Trabalhos dos últimos decênios vêm referendando esse juízo: “Tibulo é um *poeta doctus*, profundamente impregnado de elementos helenísticos” (FOULON, 1990, p. 66). Cf. TIB.1.4.61 (*doctos... poetas*).

<sup>37</sup> Em sua recolha para a Macmillan, Postgate ainda seguiu o deslocamento (POSTGATE, 1940, p. 5), mas, na edição para a Oxford Classical Texts, manteve-se com a tradição manuscrita (POSTGATE, 1963, p. 1).

<sup>38</sup> Scaliger, por exemplo, entre os atuais 9-10 e 11-12, interpolava, nessa ordem, 7-8, 29-32 e 35-36 (SCALIGER, 1582, p. 79).

<sup>39</sup> Apesar de imprimir segundo a ordem do manuscrito, Heyne cogita da possibilidade de se tratar de um fragmento de elegia deslocado. Caso, porém, se trate de fato de elemento pertencente à elegia, busca explicar o que lhe parece uma estranha *iunctura sententiarum*: “pode-se esperar que se dará uma fértil colheita de frutos dos campos cultivados e das vinhas: pois a minha religiosidade (*pietas*) não pode não ser grata aos deuses: *nam ueneror*” (HEYNE, 1798, p. 4, nota).

<sup>40</sup> “O poeta espera fartas colheitas [...]; sua esperança está posta na devoção e na piedosa reverência para com os deuses; essa piedade é primeiramente... testemunhada em dois dísticos, dos quais em um afirma que venera os deuses, embora representados em uma imagem grosseira, em um lugar profano (11,12 *Nam ueneror, seu...*), no outro, afirma que costuma lhes dar oferenda, a cada um em seu tempo (13,14 *Et quodcumque mihi...*). Então dirige-se a cada um e, tendo-os enumerado pelo nome, promete dons solenes” (RICHTER, 1873, p. 5).

<sup>41</sup> Conforme assinalam Luck (1982, p. 413) e La Penna (1995, p. 99). Mas ainda operada, para o passo que nos importa, na edição da Loeb (CORNISH, 1921, p. 192), só recentemente substituída (GOOLD, 1988, p. 192).

<sup>42</sup> É genérico demais afirmar que “*nam* indica a conexão entre sua piedade e uma boa colheita” (NIKKANEN, 2016, p. 78): ora, qual a natureza dessa conexão (*connection*)?

esse? Em época mais recente, Postgate entendeu tratar-se de um “*nam* elíptico” e traduziu: “Nor shall I be disappointed, for I neglect no religious duty” (POSTGATE, 1940, p. 68). Sciuto, a seu turno, explica o *nam* como “partícula explicativa: após haver manifestado seus próprios desejos, o poeta diz que tem direito à sua realização, pois é devoto aos deuses campestres” (SCIUTO, 1936, p. 31). Perrelli, enfim, entende tratar-se de “um *nam* retrospectivo, que explica as razões da abundância de que Tibulo espera gozar” (PERRELLI, 2002, p. 16), remetendo ao que seria um paralelo, em TIB.1.2.5. Nesse outro passo, o *nam* explicaria a razão dos *nouos dolores* enfrentados pelo poeta.

O *nam*, explana Kroon, no mais completo estudo sobre a partícula, fundamentalmente “marca unidades discursivas que fornecem informação subsidiária relativamente a outra unidade discursiva, mais central” (KROON, 1995, p. 144). Na maior parte das vezes, explica a autora, *nam* “introduz uma unidade de texto que serve como prova, justificativa, contexto, explicação, comentário, etc., relativamente a uma parte central do texto” (KROON, 1995, p. 145), e assim “fornece informação subsidiária relativamente à unidade discursiva precedente” (KROON, 1995, p. 145). É o que denomina “*backward-linking nam*” (KROON, 1995, p. 145-152). Com relação ao nexos semântico entre *nam* e o antecedente, para além da simplificação que habitualmente associa o *nam* a uma simples causa ou explicação, Kroon propõe uma categorização de relações de prova (*evidence*),<sup>43</sup> justificativa,<sup>44</sup> exemplificação,<sup>45</sup> e, conjuntamente, explicação, elaboração e contexto (*background*).<sup>46</sup> É por associá-lo *grosso modo* a essa categoria retrospectiva, mas apegando-se ao comum nexos semântico explicativo – demasiado restritivo –, que Perrelli julgou ter o *nam* de TIB.1.2.5 a mesma função do *nam* de TIB.1.1.11, vale dizer, de fornecer uma “explicação”, ligando “o enunciado que introduz com aquele que precede na senda da prova e da justificação” (PERRELLI, 2002, p. 51).

Mas Kroon também discute o “*forward-linking nam*” (KROON, 1995, p. 152-155), caso em que *nam* serviria “à primeira vista, para assinalar uma transição para um novo tema... no discurso, em vez de uma relação antecedente entre um ato central e um ato subsidiário” (KROON, 1995, p. 152). No

<sup>43</sup> Exemplificativamente: *Sed mater rure rediit, nam uideo Syram astare ante aedis* (PL. Mer.807-808)

<sup>44</sup> Exemplificativamente: *Nos autem (nam id te scire cupere certo scio) publicis consiliis nullis intersumus* (Cic. Att.2.23.3)

<sup>45</sup> Por exemplo: *Amicum castigare ob meritam noxiam immoene est facinus, uerum in aetate utile et conducibile. Nam ego amicum hodie meum concastigabo pro commerita noxia, inuitus* (PL. Trin. 23-26)

<sup>46</sup> *Is pagus appellabatur Tigurinus: nam omnis ciuitas Heluetia in quattuor pagos diuisa est* (CAES. Gal. 1.12.4)

entanto, a autora entende que essa categoria na verdade se refere a alguns casos em que *nam* promove um deslocamento prospectivo, sem descurar, no entanto, de indiciar algum nexos com o segmento precedente da enunciação, “casos em que a unidade *nam* não apenas fornece informação subsidiária relativamente a uma unidade discursiva precedente, mas ao mesmo tempo introduz uma nova unidade temática” (KROON, 1995, p. 156). O *nam* serve, então, sobretudo “para começar um desenvolvimento anunciado” (GREINER & BILLORET, 1952, p. 367). Talvez se pudesse propor que, à posição subordinada ao segmento precedente que caracteriza o “*nam* retrospectivo”, substitui-se, com o “*nam* prospectivo”, uma paridade hierárquica, sem que se precise postular, por isso, a ausência de liame semântico.

Parece que, nos versos de que nos ocupamos, estamos precisamente diante desse *nam* sobretudo prospectivo; ele “faz a transição” (MURGATROYD, 1980, p. 56). Se, por um lado, ele vincula a enunciação ao que já foi dito, por outro, ele introduz o tema da devoção (que ocupará os versos 1.1-11-24), que não é subsidiário. Ao iniciar um tema novo, embora em alguma medida associado com o tema precedente, o poeta indica, por meio do *nam*, estar dando um passo adiante. Aliás, é o que frequentemente ocorre nas primeiras elegias do primeiro livro, em que um *nam* vem posto em início de hexâmetro, logo na seção inicial do poema, abrindo um amplo desenvolvimento que se liga de forma mais ou menos fraca com a enunciação que precede, menos como explicação que como elaboração ou contextualização do que foi dito nos primeiros versos, frequentemente em tom sentencioso e generalizante, de modo que propriamente de explicação ou causa não se pode tratar.<sup>47</sup> É o caso especificamente de Τιβ.1.2.5, 1.5.3 e 1.6.5. Michael von Albrecht, sem indicar a função pivotal do *nam* nesse desenvolvimento, notou, na elegia tibuliana, o precedente helenístico de abrir o poema com a descrição epigramática de alguma situação, seguindo-se então um desenvolvimento em que “contornos demasiado nítidos são rejeitados” (von ALBRECHT, 2016, p. 637). Paralelos relevantes também podem ser traçados nas elegias de Catulo.<sup>48</sup>

Diante dessas constatações, é problemático entender que nos versos 11-12 estamos simplesmente diante de uma oração principal (*nam ueneror*) e de duas orações condicionais correlacionadas (*seu... seu*). Afinal, se *nam* é um gesto de abertura que conduz a uma elaboração ou contextualização do que precede, mas deslocando a enunciação para um novo tema, ele está por demais associado àquele ponto de partida anterior, de um lado, e ao mais

<sup>47</sup> É o caso, já na poesia anterior, de Cícero, em que o *nam* em início de hexâmetro é frequentemente uma forma de abertura, funcionando prospectivamente em um movimento de deslocamento temático. Cf. Cíc. *Arat.* 275(47); 326(107); 371(160); 412(192); 561(343); 579(360); 621(406).

<sup>48</sup> Cf., especialmente, CATUL. 65.5; 71.5; 76.7; 90.3; 97.5; 99.7.

amplo discurso subsequente, de outro, para ser apenas a apódose anteposta da dupla prótase *seu... seu*.

Embora, conforme vimos na primeira seção deste texto, Kühner e Stegmann apresentem *siue (seu)... siue (seu)* como forma de introduzir “duas ou mais orações condicionais” (KÜHNER & STEGMANN, 1955, p. 434), aqueles autores reconhecem também que em determinados usos *siue (seu)* significa apenas “ou”, de tal sorte que “o sentido condicional originário se retrai inteiramente” (KÜHNER & STEGMANN, 1955, p. 438). Quando, em MAC.Sat.3.9 (e nos demais *carmina* que se valem dessa fórmula), lemos *si deus, si dea est...*, não estamos propriamente lendo uma dupla condição, mas antes referência a uma totalidade (merismo): quem quer que seja o deus ou a deusa (e não há dúvida de que deus há, não havendo um *tertium* que permita não haver eficiência da prece), é a ele que se dirige a imprecação. Do mesmo modo, quando o texto transmitido por Catão (*Agr.*139) afirma que *siue ego siue quis iussu meo*<sup>49</sup> fará o sacrifício, não se trata de *condição*, mas de *afirmação* de que o sacrifício será feito, seja pelo rogante, seja por alguém a seu mando.

O caso pode ser bem compreendido como instância de um dos múltiplos tipos de falsas orações condicionais latinas (TOURATIER, 1994, p. 678-679). Assim, a particularização do nexos semântico especificamente condicional é um caminho possível, rotineiro, mas não único nem necessário na relação entre enunciados compostos por *si* (ou *siue, seu*, etc.) e a oração ou as orações que os ladeiam. Exatamente nesse âmbito, tratou Cristina Martín Puente das “condicionais com valor concessivo, causal, final ou temporal” (MARTÍN-PUENTE, 2009, p. 666), indicando ademais um recurso valioso para uma investigação semântica: por vezes, “essas orações com *si* aparecem coordenadas com concessivas, causais e finais, respectivamente, o que prova sua equivalência semântica” (MARTÍN-PUENTE, 2009, p. 666). Ora, é justamente esse tipo de equivalência que apresentam os versos TIB.1.1.13.14 relativamente à estrutura de TIB.1.1.11-12:

*et quodcumque mihi pomum nouus educat annus,  
libatum agricolae ponitur ante deo.*<sup>50</sup>

A pontuação apropriada entre os versos 12 e 13 não pode, assim, ser demasiado forte, como o ponto-e-vírgula, tal qual nas edições de Ponchont (1989, p. 10) e de della Corte (2014, p. 10), ou os dois pontos, empregados nas edições de Smith (1913, p. 107) e de Postgate (1963, p. 1). Mais vale a vírgula das edições de Luck (1998, p. 1) e Maltby (2002, p. 75) ou a simples

<sup>49</sup> “seja eu, seja alguém a meu mando”.

<sup>50</sup> “E, qualquer que seja o primeiro fruto que me traga o novo ano, ele é posto como oferenda diante do deus agreste.”

renúncia a um sinal de pontuação. Encadeiam-se, assim, nesses versos, descrições de três formas de culto das divindades agrestes, duas alternativas entre si, de aposição de uma guirlanda (*seu... seu*), e outra cumulativa com aquelas, de oferenda do fruto do agricultor (*et*) – dispondo-se em um crescendo (ao menos quantitativamente), de modo compatível com a lei dos membros crescentes. Sendo semanticamente equivalentes aquelas a essa, resume-se a função de *seu... seu* a produzir alternância (não exclusiva) entre aquelas situações, e não a estipular uma condição: como forma de correlação interna entre as situações imaginadas respectivamente nos versos TIB.1.1.11 e TIB 1.1.12, elas se relacionam assindeticamente com o *nam ueneror* que abre a seção, restringindo-se a função de *seu... seu* à relação interna entre aqueles segmentos, e não à sua articulação com o segmento precedente. Afinal, conforme já notou Streifinger, “a característica distintiva da sintaxe tibuliana é o arranjo paratático” (STREIFINGER, 1881, p. 29), suprimindo conjunções finais (STREIFINGER, 1881, p. 28), condicionais e concessivas (STREIFINGER, 1881, p. 46), entre outras, para “servir-se da estrutura paratática” (STREIFINGER, 1881, p. 46). O mesmo se aplica aos já citados casos de *seu... seu* em 1.2.17-18 e 1.10.21-22.

No fato de que *siue* (*seu*) possa, em correlação, atrelar-se parataticamente a uma oração antecedente, é possível que se manifeste o valor essencial do *si* tal qual compreendido em estudo clássico de Ducrot. Para o especialista:

um enunciado de tipo *se p, q* não tem por sentido primeiro “p é causa de q”, nem “p é condição de q” (ainda que ele possa servir a indicar essas relações). Seu valor fundamental é permitir a realização sucessiva de dois atos ilocutórios: 1º solicitar ao ouvinte que imagine “p”, 2º, uma vez introduzido o diálogo nessa situação imaginária, afirmar, dentro dela, “q”. (DUCROT, 1972, p. 168).

Trata-se, assim, de uma relação de suposição, consistente em “solicitar ao ouvinte que aceite, por um tempo, certa proposição ‘p’, que se torna, provisoriamente, o enquadramento do discurso e, especialmente, da proposição principal ‘q’.” (DUCROT, 1972, p. 167)

Assim, apenas aparentemente haveria condição, já que semanticamente se constata um fato que não vem posto em dúvida, que se realiza seja de um modo (*siue*), seja de outro (*siue*) e ainda certamente de outro (*et quodcumque*). Trata-se, assim, em verdade, nesses versos, de expressão intensamente braquilógica, em que as aparências de nexos formais entre orações que se sucedem são difusas, não se confirmando nexos propriamente explicativo entre *nam* e o desenvolvimento precedente, nem se consubstanciando relação efetivamente condicional entre *nam ueneror* e as orações em *seu... seu* que se sucedem. Uns e outros são mais aberturas de quadros imaginários – “séries desenvolvidas de representações onírico-associativas” (von ALBRECHT, 2016, p. 637) – que vão sendo preenchidos de imagens semanticamente densas.

Sem dúvida, estamos bastante afastados aqui da sintaxe dos *carmina*, preocupada com a explicitação formal dos precisos nexos hierárquicos entre as porções da enunciação, valendo-se inclusive de múltiplas redundâncias para tanto.<sup>51</sup> Assim, por exemplo, na *precatio* a Marte transmitida por Catão:

*Mars pater, te precor quaeoque, uti sis... quouis rei ergo...; uti tu...; utique tu ...; harunce rerum ergo, ...: Mars pater, eiusdem rei ergo...* (CATO.Agr.141.2-3)<sup>52</sup>

Na *copia dicendi* típica daquele gênero, incluem-se, assim, com grande relevo potencial, os conectores sintáticos.<sup>53</sup>

Passamos, então, por último, à consideração da disposição dos sintagmas nas orações introduzidas por *seu*. Essas orações, que aludem ao paralelismo, o qual, conforme vimos, é o princípio estruturante elementar do *carmen* – “antes de tudo, o paralelismo no pensamento e na forma de cada membro” (PASQUALI, 1936, p. 76) – já pela própria correlação *seu... seu*, plenamente formularizada naqueles textos,<sup>54</sup> são, no entanto, pela seleção e disposição de seus constituintes, a própria negação de um paralelismo pleno.

Afinal, a sintaxe dessas orações apresenta uma intensa braquilogia (LAUSBERG, 1967, p. 275-276), pois que a primeira contém um verbo (*habet*), mas não o complemento direto por ele requerido, e a segunda exibe complemento direto (*florida sertā*), mas não verbo, de modo que há duplo zeugma (LAUSBERG, 1967, p. 149-152) ou, mais particularmente, duplo ἀπὸ κοινοῦ (HOFFMANN & SZANTYR, 2002, p. 250-253). A compreensão das duas orações exige, assim, um desdobramento:

*seu stipes, desertus in agris, (serta florida) habet,  
seu lapis, uetus in triuio,serta florida (habet)*

<sup>51</sup> A respeito da expansão e da contração das estruturas de marcação das relações sintáticas, cf. MAROUZEAU, 1954, p. 211-217.

<sup>52</sup> “Pai Marte, eu te suplico e peço que sejas... por essa razão...; que...; e que...; por essas razões, ...; Pai Marte, por essa mesma razão...”

<sup>53</sup> Para Santini, no que parece ser uma avaliação generalizante sobre a sintaxe dos *carmina*, as relações hipotáticas “reduzem-se a mero esquema convencional e garantem à palavra latina uma independência de ordem substancialmente fonética” (SANTINI, 1988, p. 226). Trata-se do que Calboli denominou uma “sintaxe da palavra” (CALBOLI, 1964-65, p. 64). No entanto, seja os conectores hipotáticos, seja os correlativos, seja mesmo os coordenativos (entre sintagmas, o assíndeto sendo comum, em determinado estrato, no interior dos sintagmas), são muito presentes nos *carmina* e podem ser subsumidos na categoria de “ritmo sintático”, avançada por Dangel, em que se exploram “os quadros fixos e preexistentes (lexemas copulativos, lexemas sociativos) ou as construções binárias (disjunção, correlação) contidos na sintaxe e nos hábitos da língua” (DANGEL, 1982, p. 250).

<sup>54</sup> Na apreciação de Dangel: “Assim, formulário, fórmula e forma, antes de ser dados ornamentais, foram componentes ordinários da língua às quais o *carmen* recorre por uma estilização e uma acentuação dos dados e dos efeitos” (DANGEL, 1997, p. 115).

Esse tipo de construção é oposta à abundância vocabular própria aos *carmina* – a braquilogia é forma extrema de *brevitas* (QUINT.*Inst.*8.3.82) – e, segundo Hoffmann e Szantyr, deve-se interpretar como proveniente, “entre os augustanos e seus imitadores... de um influxo grego” (HOFFMANN & SZANTYR, 2002, p. 251).<sup>55</sup> Bom exemplo de um duplo ἀπὸ κοινοῦ, vinculado estreitamente à percepção dos elegíacos augustanos a respeito da poética helenística, pode ser observado na abertura do terceiro livro de Propércio: *Callimachi manes et Coi sacra Philetæ* (PROP.3.1.1).<sup>56</sup> Conforme apontou Rothstein:

Ambos os conceitos, *manes* e *sacra*, estão na mais estreita dependência mútua, e é o objetivo do poeta que ambos sejam ligados aos nomes dos dois poetas (*manes et sacra Callimachi et Philetæ*). (ROTHSTEIN, 1898, p. 3-4)<sup>57</sup>

Trata-se de procedimento regularmente utilizado por Tibulo, de que poderíamos citar exemplo do começo da quarta elegia do primeiro livro (TIB.1.4.2): *ne capiti soles, ne noceantque niues*, que vai desdobrado em *ne capiti soles (noceant), ne (capiti) noceantque niues*. Também aqui duas conjunções coordenadas entre si (*ne... ne*) enquadram orações em que um termo de cada precisa ser compartilhado com a outra para que o sentido se complete.<sup>58</sup>

A manipulação dos sintagmas internos às orações *seu... seu* é, além de braquilógica pelo recurso ao ἀπὸ κοινοῦ, também quiasmática. Com efeito, em cada uma das orações, os sintagmas estão de tal forma dispostos, que o sujeito assume posição inicial na primeira oração e final na segunda, ao passo que o adjunto adnominal (formado paralelamente por um adjetivo no nominativo e um adjunto adverbial de lugar composto de *in* com ablativo) está posto em posição final na primeira e inicial na segunda oração. A posição medial, em ambos os casos, vem preenchida pelos termos ἀπὸ κοινοῦ entre as duas orações. Veja-se:

<sup>55</sup> Para Kroll, construções desse tipo seriam refinadas, claramente “estranhas à língua popular” (KROLL, 2011, p. 35).

<sup>56</sup> Para outros casos de ἀπὸ κοινοῦ que aludem explicitamente aos gregos ou à própria elocução poética, cf. OV.*Tr.*3.12.39; STAT.*Silv.*5.3.213.

<sup>57</sup> O autor apontara outro ἀπὸ κοινοῦ em Propércio, em PROP.4.11.30 (*Afra Numantinos regna loquuntur auos* “os reinos africanos falam de meus antepassados numantinos”), a ser desdobrado em *Afra et Numantina regna Afros et Numantinos auos loquuntur* (ROTHSTEIN, 1898, p. 4), mas o passo é incerto e vem emendado modernamente como *aera Numantinos nostra loquuntur auos* (“nossos ventos falam dos antepassados numantinos”). Cf. bibliografia indicada em: HEYWORTH, 2007, p. 508.

<sup>58</sup> Para uma série de exemplos de ἀπὸ κοινοῦ em Tibulo e em Ovídio, cf. HOUSMAN, 1916, p. 150, posteriormente, abraçando, além de Tibulo e Ovídio, diversos outros autores, cf. KENNEY, 1958, p. 55.

[...] (*seu*) *stipes habet desertus in agris*  
 (*seu*) *uetus in triuio florida sertia lapis, ...*

Embora o quiasma ocorra amplamente nos autores latinos em verso e prosa, “a oposição quiasmática entre dois membros que contenham mais de duas palavras é rara” (HOFFMANN; SZANTYR, 2002, p. 23).<sup>59</sup> Ademais, esse tipo de procedimento é, como um todo, alheio ao *carmen* e, mais extensamente, à prosa arcaica, em razão do caráter apositivo e acumulativo dessas composições, refratário às simetrias que têm por efeito fechar as metades da estrutura em um todo unitário.<sup>60</sup> Por esse ângulo também manifesta-se, assim, uma poética cuja preocupação prioritária é a disposição das palavras, valendo-se, para tanto de paralelismos e quiasmas, e dando continuidade a experimentações poéticas que, entre os latinos, se desenvolvem muito intensamente com os neotéricos e se prolongam ativamente entre os augustanos. Os *poetae noui*, nota Santini, desenvolvem formas elaboradas para disjunções de vários tipos (abAB, abBA, aAbB), como Catulo, que “joga com a relação entre paralelismo e quiasma” (SANTINI, 2005, 288).

Assim, o desmembramento minimalista dos sintagmas (braquilogia) e sua reordenação significativa, de modo a exibir um funcionamento unitário (quiasma), bem como a possibilidade de compreensão pelo jogo combinatório no interior dessa unidade (*ἀπὸ κοινοῦ*) desenham elementos essenciais de uma poética de matriz helenística que funciona segundo estruturas diversas (até mesmo opostas) às do *carmen*, ainda que possa incidir sobre aquele mesmo material, extensamente presente em Tíb.1.1.11-12, conforme exposto na seção anterior. Cabe-nos agora, em conclusão, oferecer algumas breves reflexões sobre as possíveis razões para a supressão da poética do *carmen* pela poética de matriz helenística cultivada por Tibulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Detivemo-nos o quanto pudemos num único dístico na elegia de abertura do primeiro livro de Tibulo. É chegado o momento de indiciar algumas consequências mais amplas dessa leitura.

<sup>59</sup> Os autores aduzem exemplo semelhante ao nosso, não fosse pela repetição do verbo no ponto em que Tibulo opta pela braquilogia: (*ne*) *scelerate dicam in te, (quod) pro Milonem dicam pie* (“para que eu não diga contra ti aquilo que em favor de Milão eu direi afetuosamente”, Cic. Mil.103, marcamos as correspondências).

<sup>60</sup> Segundo Fankhänel, em amplo estudo sobre a posição do verbo na prosa anterior a Salústio, a “lei fundamental para a construção de um enunciado na língua antiga é a estrutura enfileirada” (FANKHÄNEL, 1938, p. 77).

Em primeiro lugar, é preciso se dar conta de que os *carmina*, no ambiente de Tibulo, não são apenas lembrança remota de outra era, acessíveis meramente a investigações eruditas. Muito ao contrário, na intensa vida religiosa da Roma do principado, os *carmina* estavam à disposição em rituais antigos e novos que se valiam de fórmulas assentadas há séculos e reproduzidas de forma potencialmente muito ativa. Temos a sorte de estar bastante bem informados sobre um evento de imensa magnitude de reapropriação ativa dos *carmina* no ambiente em que Tibulo circulou, os *ludi saeculares* patrocinados por Augusto durante três dias e três noites do ano de 17 a.C., de cujos *acta* temos porções extensas, em forma epigráfica, ao lado de diversas referências textuais (sobre os *ludi*, cf. SCHNEGG-KÖHLER, 2002).

Nesses *acta*, estão preservados dois formulários integrais de preces, pronunciadas respectivamente por Augusto e por um grupo de 110 matronas romanas, além de uma série de outros formulários transmitidos de forma abreviada porque procederiam depois como os formulários já aduzidos (*cetera uti supra*). Diehl, seguindo sugestões de Mommsen, identificou sistematicamente uma série de fórmulas que aparecem nesses formulários, idênticas ou muito semelhantes, em primeiro lugar, às transmitidas no *De agricultura* de Catão (aqui a semelhança é notável), mas idênticas ou muito semelhantes também àquelas transmitidas por Lívio e por outros autores que nos legaram *carmina* (DIEHL, 1934b, p. 358-363).

Apenas à guisa de exemplo, para expressões constantes nas *precationes* dos *acta ludorum saecularium*, verifiquem-se as seguintes correspondências textuais idênticas ou quase: *quarumque rerum ergo* (≈ CATO.Agr.139;141.2), *uos quaeso precorque* (≈ CATO.Agr.141.2; LIV.9.8.8), *uictoriam uoletudinemque* (≈ CATO.Agr.141.3; LIV.10.19.17), *saluam seruetis* (≈ CATO.Agr.141.3), *mihi domo familiae* (≈ CATO.Agr.141.3), *macte hac agna femina inmolandae* (≈ CATO.Agr.139), *uolentes propitiae* (≈ CATO.Agr.132;134.3;139;141.3). Como se percebe, a partir da discussão tecida na primeira parte deste texto, trata-se, em grande medida, dos sintagmas bimembres ou trimembres sinonímicos, aliterantes (aliteração constitutiva) e dispostos em ordem crescente, que fornecem a trama elementar da elocução dos *carmina*.

Ainda mais pontualmente, os textos das *precationes* empregados nos *acta* são mobilizados a partir dos documentos constantes nos arquivos dos organizadores do ritual, que são os *quindecimuir sacris faciundis*, de que tratam os *acta* em diversas oportunidades. Seus arquivos, escreve Schnegg-Köhler, “continham, ademais das diretivas de organização, também os textos rituais” (SCHNEGG-KÖHLER, 2002, p. 122). Ora, não se negligenciará que a importante elegia 2.5 de Tibulo foi escrita em comemoração à escolha de Marco Valério Messalino, filho mais velho de seu patrono Messala, ao cargo de *quindecimuir sacris faciundis et Sibyllinis libris inspiciundis* (cf., e.g., PLONCHONT, 1989, p. 105). Assim, para além dos canais abertos pelo

ritual onipresente na Roma de sua época, não faltaria oportunidade a Tibulo para um acesso mais direto aos próprios livros em que o fundo – sempre presentificado – dos antigos *carmina* estava consignado.

Diante da onipresença do *carmen* no mundo social da Roma augustana –profundamente ritualizado –, apenas uma visão que entende essa abstração a que chamamos “literatura” como um cânone autorreferencial já pronto no processo de seu fazimento poderia estranhar que um poeta se pudesse valer de um fundo amplo de elocução elevada latina e dotado de imenso prestígio, que ademais estava constantemente à disposição de seu ouvido e mesmo de seus olhos. É, portanto, um conjunto altamente questionável de pressupostos que conduziu ao desconhecimento da importância dos *carmina* na elegia de Tibulo e, ousamos dizer, em muitos outros autores latinos.

Conte perspicazmente notou que “a tradição dos *carmina* nunca desaparece inteiramente: depositou uma marca duradoura que distingue o estilo literário latino, e o distingue também daqueles modelos gregos que os autores latinos imitam assiduamente” (CONTE, 2019, p. 21). Arremata que, “lendo com ouvido alerta não apenas Plauto e Ênio, mas também Catulo e Virgílio, certas cadências (ou até mesmo cantilenas) poderão ainda ser reconduzidas à tradição dos *carmina*” (CONTE, 2019, p. 22). É preciso, portanto, abrir os ouvidos e acolher a ideia de que a “literatura” latina incorpora elementos que não pertencem ao legado grego que amiúde se tem estabelecido como seu modelo (cf. FEENEY, 1998): um desses elementos, como convém dizer aqui, são os *carmina*.<sup>61</sup>

Mas é evidente que a remissão aos *carmina* também não pode ser vista ingenuamente, como se, na contínua apropriação desse imenso fundo de modelos e procedimentos de elaboração da linguagem, houvesse um nexo de necessidade. Trata-se de apropriações – se não conscientes, pois não temos acesso a essa instância da vivência dos escritores latinos –, sem dúvida produtora de efeitos dotados de múltiplas camadas de sentido. Nos versos de que aqui nos ocupamos, a elocução dos *carmina* vai a um só tempo referida a um preciso contexto em que está em questão a devoção do enunciador para com os deuses agrestes – muito como o *bonus agricola* catoniano impreca a Marte e aos demais deuses com *carmina* – e transformada por uma poética helenística que sem dúvida indicia, como um todo, o trabalho de reprocessamento do material que distingue o *labor limae do poeta doctus*.

Diante dessas considerações, sem dúvida a apropriação da elocução dos *carmina* por um poeta que é conhecido por ter deslocado a elegia no espaço para o campo – que, conforme bem notou Conte, relativamente aos demais

<sup>61</sup> Outro é o próprio direito romano, como hoje já se percebe (GEBHARDT, 2009; AUBERT, 2020).

elegíacos, não substitui tanto o mundo da cidade, mas sobretudo o mundo do mito (CONTE, 2019, p. 399) – entretece-se com um deslocamento da elegia no tempo: a elegia de Tibulo não é simplesmente localizada no campo, mas em uma espécie de campo prototípico de uma vetusta Roma, tão cara aos tempos de Augusto, claramente descrita no excurso de TIB.2.5.23-38, mas indiciada um pouco por toda parte,<sup>62</sup> inclusive no interior da seção de TIB.1.1 dedicada à devoção, contiguamente aos versos aqui estudados: *uos quoque, felicitis quondam, nunc pauperis agri / custodes, fertis munera uestra, Lares. / tunc uitula innumeros lustrabat caesa iuuenos, / nunc agna exigui est hostia parua soli* (TIB.1.1.19-22). Assim, ao que nos parece, os *carmina* em Tibulo funcionam como referente central para a rede de alusões e deslocamentos que constituem seu próprio programa poético.

## REFERÊNCIAS

TIBULO (edições e comentários):

- [CORNISH, F. W. (ed.)]. *Catullus, Tibullus and Pervigilium Veneris*. Ed. e trad. Francis Warren Cornish. London/New York: Heidemann/G. P. Putnam's Sons, 1921.
- [DELLA CORTE, F. (ed.)]. TIBULLO. *Le Elegie*. A cura di Francesco della Corte [1980]. 7.ed. Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Mondadori, 2014.
- [GOOLD, G. P. (ed.)]. *Catullus, Tibullus and Pervigilium Veneris*. 2.ed. Rev. G. P. Goold. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1988.
- [LUCK, G. (ed.)]. *Albii Tibulli Aliorumque Carmina*. Editio altera. Ed. Georg Luck. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1998.
- [HEYNE, C. G. (ed.)]. *Albii Tibulli Carmina libri tres cum libro quarto Sulpiciae et aliorum: nouis curis castigauit Chr. G. Heyne. Editio tertia emendatior et auctior*. Lipsiae: Apud Ioannem Gottlob Feindium, 1798.
- [LACHMANN, K. (ed.)]. *Albii Tibulli libri quattuor ex recensione Caroli Lachmanni*. Berolini: Ge. Reimer, 1829.
- MALTY, R. *Tibullus: elegies*. Cambridge: Francis Cairns, 2002.
- MURGATROYD, P. *Tibullus I: a commentary on the first book of elegies of Albius Tibullus*. Pietermaritzburg: University of Natal Press, 1980.
- PERRELLI, R. *Commento a Tibullo: Elegie, Libro I*. Soveria Manelli: Rubbettino, 2002.
- [PLONCHONT, M. (ed.)]. *Tibulle et les auteurs du Corpus Tibullianum*. Ed. e trad. Max Plonchont. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- [POSTGATE, J. P. (ed.)]. *Selections from Tibullus and Others*. 2. ed. London: Macmillan and Co., 1940.
- [POSTGATE, J. P. (ed.)]. *Tibulli Aliorumque Carminum Libri Tres*. Editio altera. Ed. Iohannes Percival Postgate. Oxford: Clarendon Press, 1963.

<sup>62</sup> Cf., e.g., TIB.1.1.39 e 42; 1.3.33-34; 2.1.59-62. Comentando “a forte marca romana de sua religiosidade ligada à vida agrícola”, La Penna afirma que Tibulo ama particularmente as divindades domésticas “porque ele vê nelas os restos e os símbolos de um passado ideal, da pureza, *pietas*, simplicidade de um tempo” (LA PENNA, 1995, p. 92).

- PUTNAM, M. C. J. *Tibullus: a commentary*. Norman: University of Oklahoma Press, 1973.
- [SCALIGER, J. (ed.)]. *Catulli, Tibulli, Properti, noua editio*: Iosephus Scaliger Iul. Caesaris F. recensuit [1579]. Antuerpiae, Apud Aegidium Radaeum, 1582.
- [SCIUTO, Salvatore (ed.)]. TIBULLO, Albio. *Elegie Scelte*. Introduzione critica e note di Salvatore Sciuto. Torino: Società Editrice Internazionale, 1936.
- SMITH, K. F. *The Elegies of Albius Tibullus: the Corpus Tibullianum* edited with introduction and notes on Books I, II, and IV, 2-14. New York/Cincinnati/Chicago: American Book Company, 1913.

#### DEMAIS AUTORES ANTIGOS (edições):

- [BÖMER, F. (ed.)]. P. OVIDIUS NASO. *Die Fasten*: Band II, Kommentar. Ed., trad. e com. Franz Bömer. Heidelberg: Carl Winter, 1958.
- [DANGEL, J. (ed.)]. ACCIUS. *Oeuvres*: fragments. Ed., trad. e com. Jacqueline Dangel. Paris: Belles Lettres, 2002.
- [FOSTER, B. O. (ed.)]. LIVY. *Books VIII-X*. Trad. B. O. Foster. London/Cambridge, MA: William Heinemann/Harvard University Press, 1957.
- [GOELZER, H. (ed.)]. TACITE. *Histoires*: tome second. Paris: Belles Lettres, 1965.
- [MAZZARINO, A. (ed.)]. MARCUS PORCIUS CATO. *M. Porci Catonis de agricultura*. Ed. Antonio Mazzarino. 2. ed. Leipzig: Teubner, 1982.
- [KASTER, R. A. (ed.)]. MACROBIUS. *Saturnalia*: books 3-5. Ed. e trad. de Robert A. Kaster. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2011.
- [de MELO, W. (ed.)]. PLAUTUS. *The Little Carthaginian, Pseudolus, The Rope*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2012.
- [de MELO, W. (ed.)]. PLAUTUS. *Stichus, Three-Dollar Day, Truculentus, The Tale of a Traveling-Bag, Fragments*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2013.
- ROTHSTEIN, M. (ed.). *Die Elegien des Sextus Propertius*: zweiter Teil, drittes und viertes Buch. Berlin: Weidmann, 1898.

#### ESTUDOS:

- ADAMS, J. N. The Bellum Africum. In: REINHARDT, T.; LAPIDGE, M.; ADAMS, J. N. (ed.). *Aspects of the language of Latin prose*. Oxford: Oxford University Press, p. 73-96, 2005.
- von ALBRECHT, M. *Geschichte der römischen Literatur*: Band 1. 3.ed.. Berlin: De Gruyter, 2016.
- APPEL, G. *De romanorum precationibus*. Giessen: Töppelmann, 1909.
- AUBERT, Eduardo Henrik. A fundação jurídica de Roma, ou a Eneida como narrativa jurídica. *Nuntius Antiquus*, n. 15 (2), p. 49-76, 2019.
- BÜRGER, R. Beiträge zur elegantia Tibulls. In: *XARITES*: Friedrich Leo zum sechzigsten Geburtstag dargebracht. Berlin: Weidmann, p. 371-394, 1911.
- CAIRNS, F. *Tibullus: a Hellenistic poet at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- CALBOLI, G. La sinonimia latina fino alla prosa classica. *Quaderni dell'Istituto di Glottologia di Bologna*, n. 8, p. 21-66, 1964-65.
- CONTE, G. B. *Letteratura latina*: dall'alta Repubblica all'età di Augusto. 3.ed. Firenze: Le Monnier Università, 2019.
- CORDIER, A. *Lallitération latine*. Paris: Vrin, 1939.
- DANGEL, J. *La phrase oratoire chez Tite-Live*. Paris: Belles Lettres, 1982.

- DANGEL, J. Le *carmen* latin: rhétorique, poétique et poésie. *Euphrosyne: revista de filologia clássica*, n. 25, p. 113-131, 1997.
- DIEHL, E. Das *saeculum*, seine Riten und Gebete: Teil 1, Bedeutung und Quellen des *saeculum*, die älteren *saecula*. *Rheinisches Museum für Philologie*, n. 83 (3), p. 255-272, 1934a.
- DIEHL, E. Das *saeculum*, seine Riten und Gebete: Teil 2, Die *saecula* der Kaiserzeit, Ritual und Gebet der Feiern der Jahre 17 v. Chr., 88 und 204 n. Chr. (Fortsetzung). *Rheinisches Museum für Philologie*, n. 83 (4), p. 348-372, 1934b.
- DUCROT, O. *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. Paris: Hermann, 1972.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique des la langue latine: histoire des mots*. 4.ed. Paris: Klincksieck, 2011.
- FALCONE, M. J. Poetic and religious language in Roman tragic fragments concerning Medea. In: GARCÍA, V.; RUIZ, A. (ed.). *Poetic language and religion in Greece and Rome*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 310-320, 2013.
- FANKHÄNEL, H. *Verb und Satz in der lateinischen Prosa bis Sallust: eine Untersuchung über die Stellung des Verbs*. Leipzig: C. & E. Vogel, 1938.
- FEENEY, D. *Literature and religion at Rome: cultures, contexts, and beliefs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- FOULON, A. L'art poétique de Tibulle. *Revue des Études Latines*, n. 68, p. 66-79, 1990.
- FRAENKEL, E. *Plautine elements in Plautus* [1922]. Trad. Tomas Drevikovsky e Frances Muecke. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GEBHARDT, U. C. J. *Sermo iuris: Rechtssprache und Recht in der augusteischen Dichtung*. Leiden/Boston: Brill, 2009.
- GREINER, E.; BILLORET, R. *Grammaire du latin*. Paris: Hachette, 1952.
- [HAASE, F.] Fr. Hasii disputatio de tribus Tibulli locis transpositione emendandis. In: *Index Lectionum in Uniuersitate Litterarum Vratislaviensi per aestatem A. MDCCCLV, a die XVI. mensis aprilis hadendarum*. [Vratislava]: Typis Universitatis, 1855.
- HELLEGOUARCH, J. *Parce, precor... ou Tibulle et la prière: étude stylistique*. *Illinois Classical Studies*, n. 14 (1-2), p. 49-68, 1989.
- HEYWORTH, S. J. *Cynthia: a companion to the text of Propertius*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOFMANN, J. B.; SZANTYR, A. *Stilistica Latina*. A cura di Alfonso Traina, traduzione di Camillo Neri, aggiornamenti di Renato Oniga, revisione e indici di Bruna Pieri. Bologna: Pàtron, 2002.
- HOUSMAN, A. E. Ovidiana. *The Classical Quarterly*, n. 10 (3), p. 130-150, 1916.
- KENNEY, E. J. Notes on Ovid. *The Classical Quarterly*, n. 8 (1), p. 54-66, 1958.
- KROLL, W. La lingua poetica romana. In: LUNELLI, Aldo (ed.). *La lingua poetica latina*. 4.ed. Bologna: Pàtron, p. 1-66, 2011.
- KROON, C. *Discourse Particles in Latin: a study of nam, enim, autem, vero and at*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1995.
- LAUSBERG, H. *Manual de retórica literaria: fundamentos de una ciencia de la literatura*, tomo II. Trad. José Perez Riesco. Madrid: Gredos, 1967.
- LEE, G. *Otium cum dignitate: Tibullus 1.1*. In: WOODMAN, T.; WEST, D. (ed.). *Quality and pleasure in Latin poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974, p. 94-114, 1974.
- LENNARTS, K. Zu Sprachniveau und Stilbildung in der republikanischen Tragödie: unter besonderer Berücksichtigung sondersprachlicher und volkssprachlicher Elemente. *Glotta*, n. 79 (1), p. 83-136, 2003.
- LINDHOLM, E. *Stilistische Studien zur Erweiterung der Satzglieder im Lateinischen*. Lund: Haakan Ohlssons Buchdruckerei, 1931.
- LOWE, N. J. Sulpicia's syntax. *The Classical Quarterly*, n. 38 (1), p. 193-205, 1988.

- LUCK, G. Love elegy. In: KENNEY, E. J; CLAUSEN, W. V. (ed.). *The Cambridge History of Classical Literature*: II, Latin literature. Cambridge: Cambridge University Press, p. 405-419, 1982.
- LUISELLI, B. *Il problema della più antica prosa latina*. Cagliari: Sarda Fossataro, 1969.
- MALTBY, R. Tibullus and the Language of Latin Elegy. In: ADAMS, J. N.; MAYER, R. G. (ed.). *Aspects of the language of Latin poetry*. Oxford: Oxford University Press, p. 377-398, 1999.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. 3.ed.. Paris: Belles Lettres, 1954.
- MARTÍN PUENTE, C. XXII. Condicionales y concesivas. In: BAÑOS BAÑOS, J. M. (coord.). *Sintaxis del latín clásico*. Madrid: Liceus, p. 657-678, 2009.
- de MEO, C. *Lingue tecniche del latino*. 3.ed. atualizada por Mariella Bonvicini. Bologna: Pàtron, 2005.
- NIKKANEN, A. (ed.) *Propertius, Tibullus and Ovid: a selection of love poetry*. Bloomsbury: Bloomsbury Academic, 2016.
- NISBET, R. G. M.; RUDD, N. *A Commentary on Horace, Odes, Book III*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- PASQUALI, G. *Preistoria della poesia romana*. Firenze: Sansoni, 1936.
- LA PENNA, A. L'elegia di Tibullo come meditazione lirica. In: IDEM. *Da Lucrezio a Persio: saggi, studi, noti*. Milano: Sansoni, p. 49-109, 1995.
- RAWSON, E. C. Scipio, Laelius, Furius and the ancestral religion. *Journal of Roman Studies*, n. 63, p. 161-174, 1973.
- RICHTER, R. De Albii Tibulli tribus primis carminibus disputatio. In: *Gymnasium zu Zwickau. Jahresbericht über das Schuljahr von Ostern 1872 bis Ostern 1873*. Zwickau: Druck von R. Zückler, 1873.
- RIPOSATI, B. *Introduzione allo studio di Tibullo*. Como/Milano: Carlo Marzorati, 1945.
- SANTINI, C. Letteratura prodigiale e 'sermo prodigialis' in Giulio Ossequente. *Philologus*, n. 132 (2), p. 210-226, 1988.
- SANTINI, C. Sprache und litterarische Gattungen von den Anfängen bis in Zeitalter der Antoninen. In: POCETTI, P; POLI, D.; SANTINI, C. (2005). *Eine Geschichte der lateinischen Sprache: Ausformung, Sprachgebrauch, Kommunikation*. Trad. Hansbert Bertsch. Tübingen/Basel: Francke Verlag, p. 244-388, 2005.
- SCHNEGG-KÖHLER, B. *Die augusteischen Säkularspiele*. München/Leipzig: Saur, 2002.
- STEIDLE, W. Das Motiv der Lebenswahl bei Tibull und Propert. *Wiener Studien*, n. 75, p. 100-40, 1962.
- STREIFINGER, J. *De syntaxi tibulliana*. Wirceburgi: In aedibus Adalberti Stuberi, 1881.
- SZANTYR, A. Über einige Fälle der semantischen Attraktion im Lateinischen: zu *orare, obsecrare, obtestari, venerari* und zum *gratus*-Problem. *Gymnasium*, n. 78 (1), p. 1-47, 1971.
- TOURATIER, C. *Syntaxe latine*. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1994.
- TRAINA, A. *Forma e suono: da Plauto a Pascoli*. Bologna: Pàtron, 1999.
- TRAINA, A. *Lo stile "drammatico" del filosofo Seneca*. 4.ed. Bologna: Pàtron, 2011.
- WATKINS, C. *How to kill a dragon: aspects of Indo-European poetics*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.
- WEST, M. L. *Indo-European Poetry and Myth*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Recebido: 25/4/2020

Aceito: 1/7/2020

Publicado: 7/7/2020

Rev. est. class., Campinas, SP, v.20, p. 1-28, e020005, 2020